Revista A Cor das Letras

Revista Digital dos Programas de
Pós-Graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFS
Feira de Santana, v. 22, n. 1, p. 370-389, janeiro-abril de 2021

http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/index
10.13102/cl.v22i1.5880
ISSN 2594-9675

Assentos de casamentos do sertão do São Francisco (1719-1753): considerações sobre os sinais diacríticos agudo, circunflexo e til

Wedding seats in the sertão of the São Francisco (1719-1753): considerations on acute, circumflex and tilde diacritical signs

Lécio Barbosa de Assis*
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia,
Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

Jorge Augusto Alves da Silva*
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia,
Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

Resumo: O presente estudo baseia-se na edição diplomática de um livro de registros de casamentos de uma freguesia do sertão do Rio São Francisco no período entre 1719 a 1753, elaborado por diferentes *scriptores* pertencentes a um grupo social com formação intelectual, do sexo masculino, faixa etária adulta e que dominava a estrutura da língua. O recorte deste estudo apresentará exemplos das variações gráficas dos vocábulos, em relação aos usos e as formas dos diacríticos agudo, circunflexo e til. Para realizar essa tarefa, aprontamos a (i) revisão e transcrição do documento, observando-se os critérios da edição diplomática, partindo do estudo de Cambraia (2005), Berwanger e Leal (2008) e Pérez Priego (2011); (ii) quantificação dos dados com o auxílio da ferramenta computacional aplicada à Terminologia *AntConc* (2011) e (iii) sistematização dos contextos sócio-históricos envolvidos nos aspectos encontrados em relação aos sinais diacríticos, recorrendo aos ortografistas do século XVIII (FIGUEIREDO, 1722; MADUREIRA FEIJÓ, 1734; VERNEY, 1746). Os resultados evidenciaram que, embora, o manuscrito tenha sido escrito no período de predominância da escrita pseudoetimológica, as ocorrências se aproximam da escrita fonética.

Palavras-chave: Linguística Histórica; Sócio-histórica; Estado da Língua Portuguesa; Assentos de casamentos; Acentos diacríticos.

Abstract: The present study is based on the diplomatic edition of a book of marriage seats from hinterland of Rio São Francisco in the period between 1719 and 1753, prepared by different *scriptors* belonging to an intellectual group, adult age group and who dominated the language structure. The section of this study will present examples of the graphic variations of the words, in relation to the uses and forms of the acute, circumflex and tilde diacritics. To accomplish this task, we prepared the (i) review and transcription of the document, observing the criteria of the diplomatic edition, based on the study by Cambraia (2005), Berwanger and Leal (2008) and Pérez Priego (2011); (ii) quantification of the data with the aid of the computational tool applied to the Terminology *AntConc* (2011) and (iii) systematization of the socio-historical contexts involved in the aspects found in relation to the diacritical signs, using the 18th century orthographers (FIGUEIREDO, 1722; MADUREIRA FEIJÓ, 1734; VERNEY, 1746). The results showed that, although the manuscript was written in the period of predominance of pseudo etymological writing, the occurrences are close to phonetic writing.

Keywords: Historical Linguistics; Socio-historical; State of the Portuguese Language; Wedding seats; Diacritical accents.

* Doutorando na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: falecomlecio@gmail.com.
* Professor Pleno do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Doutor em Letras (Área de Concentração em Linguística Histórica pela Universidade Federal da Bahia (2005). E-mail: jorge.silva@uesb.edu.br.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente estudo toma com objeto de análise linguística o uso dos sinais diacríticos em fontes históricas[1] produzidas no sertão do Rio São Francisco, com o objetivo de analisar o fenômeno descrito a partir de uma análise linguística sócio-histórica na tentativa de ver no texto um retrato do estado da língua portuguesa.

A identificação dos usos e formas dos sinais diacríticos agudo, circunflexo e til em textos datados do século XVIII é um assunto importante em Linguística Histórica, especialmente para a perspectiva sócio-histórica, pois fornece informações sobre as tendências de evolução e mostra os reflexos do estado da língua portuguesa em tempos pretéritos. Morel Pinto (1988) identifica como fontes de pesquisa para o conhecimento do estado da língua portuguesa no século XVIII, "os trabalhos linguísticos então publicados e os textos literários, em prosa e em verso, dos autores setecentistas, portugueses e brasileiros" (1988, p, 15).

Sendo assim, buscamos verificar o fenômeno linguístico partindo de explicações dos ortógrafos setecentistas (FIGUEIREDO, 1722; MADUREIRA FEIJÓ,1734 e VERNEY, 1746), além de utilizar os preceitos da Linguística Histórica, partindo do princípio que o contexto sócio-histórico reflete na produção escrita da época, além de recorrermos aos conceitos da Paleografia (CAMBRAIA, 2005; BERWANGER; LEAL, 2008), para nos auxiliar na leitura e interpretação dos manuscritos antigos.

O *corpus* utilizado para este estudo foi o Livro n.º 1 (1719-1753) da Freguesia de Santo Antônio do Urubu de baixo, instrumento usado para os registros das atas de casamentos e de óbitos. O livro faz parte de uma coleção de documentos que estão sob a guarda da Cúria Diocesana de Bom Jesus da Lapa –BA. Nosso material de pesquisa são as reproduções fac-similares pertencentes ao *Grupo de Pesquisa Educação Patrimonial: mapeando acervos históricos e culturais de Bom Jesus da Lapa*, vinculado à Universidade do Estado da Bahia-UNEB, *Campus* XVII. No termo de abertura do documento estudado é informado que o livro de assentos dos casados da Matriz de Santo Antônio do Urubu do Rio de baixo do São Francisco começa na folha número 1 e os assentos dos mortos iniciam na folha 80, totalizando 138 folhas. Os registros foram lançados no *recto* e verso de cada fólio, totalizando 231 registros de casamentos e 399 de óbitos, redigidos por diferentes punhos que se alternavam na escrita. Os *scriptores* eram os vigários responsáveis pelo registro das celebrações, pertencentes a um grupo social com formação escolar, do sexo masculino, faixa etária adulta e utilizava um estilo de escrita formal.

A metodologia consistiu na transcrição do documento a partir da edição fac-similar, observando os critérios da edição diplomática de acordo com Cambraia (2005) e Pérez Priego (2011) e, posteriormente a seleção dos vocábulos com a presença do fenômeno estudado. Os dados foram analisados pela observação da escrita dos *scriptores* do sertão do

[1] Fonte histórica, documento, registro, vestígio são todos termos correlatos para definir tudo aquilo produzido pela humanidade no tempo e no espaço; a herança material e imaterial deixada pelos antepassados que serve de base para a construção do conhecimento histórico. O termo mais clássico para conceituar a fonte histórica é documento (SILVA; SILVA, 2009, p. 158).

São Francisco que compõe esta comunidade de prática[2], possivelmente demonstrando os reflexos sócio-históricos na produção dos manuscritos. Na tentativa de uma investigação reflexiva-descritiva do uso dos acentos diacríticos no documento estudado, partimos da seguinte questão: A partir de uma perspectiva sócio-histórica, poderemos retratar o estado da língua portuguesa, analisando o uso e formas dos acentos diacríticos agudo, circunflexo e til em um manuscrito do século XVIII?

Embasando em resultados de pesquisas anteriores[3], levantamos a seguinte hipótese: o uso dos acentos diacríticos, assim como os demais fenômenos linguísticos presentes no documento, reflete as condições sócio-históricas em que foram produzidos. Silva (2011), em seu estudo sobre a abordagem sócio-histórica de fenômenos linguísticos do livro das monjas, observou em sua fonte de pesquisa, o retrato da língua portuguesa do século XVIII, estabelecendo comparação entre as estruturas que se aproximam ou se distanciam dos textos dos séculos anteriores e posteriores, acreditando que a língua escrita reflete os conflitos entre inovação e conservação nos diversos fenômenos linguísticos.

Nesse sentido, investigaremos algumas variações em um mesmo vocábulo quanto ao uso dos sinais diacríticos registrados nos assentos de casamentos, bem como em outros exemplos sem flutuação gráfica, buscando indicadores que possam caracterizar o documento do sertão do São Francisco como "representativo do estado da língua portuguesa no século XVIII" (SILVA, 2011, p.263).

2 A FREGUESIA DE SANTO ANTÔNIO DO URUBU DE BAIXO E OS REGISTROS DE CASAMENTOS

O cenário de investigação aqui proposta é o sertão de baixo do Rio São Francisco, mais especificamente a Freguesia de Santo Antônio do Urubu de baixo, região que atualmente abarca municípios sergipanos. O recorte temporal desse estudo, contempla o período compreendido entre os anos de 1719 a 1753. A referida freguesia foi criada em 1718, situada à margem direita do São Francisco, pertencia à Capitania de Sergipe del Rey, área correspondente, atualmente, ao norte da Bahia e Sergipe, mais precisamente ao município sergipano de Propriá e região. A localização das freguesias (paróquias) era diversificada em termos geográficos, sociais e históricos, mas primordialmente a instalação às margens dos rios perenes, como o Rio São Francisco e outras em cursos fluviais temporários, garantia a vida social e econômica das povoações.

Quanto às fontes de pesquisa, utilizamos para este estudo a edição fac-símile e a diplomática do Livro n.º 1 (1719-1753) que traz os registros dos casados e dos mortos. No recorte deste trabalho utilizamos somente os assentos de casamentos para realizar um estudo reflexivo-descritivo sobre os sinais diacríticos agudo, circunflexo e til contidos no documento editado. Os livros de registros paroquiais (batismo, casamento e óbitos) foram

[2] A comunidade de prática representa os valores e padrões de crenças e comportamentos compartilhados pelos membros de uma mesma comunidade. Esta unidade de análise foi introduzida na Sociolinguística por Penelope Eckert e Sally McConnell-Ginet em suas pesquisas sobre linguagem e gênero (MEYERHOFF, 2011, p. 200).

[3] Dentre as quais podemos citar Silva (2011) e Negro (2017).

estabelecidos e padronizados a partir do Concílio Tridentino (1545-1563) com o objetivo de promover modificações nas normas e conservação da unidade eclesiástica.

Segundo Silva (2011, p.261) "o Clero tinha o direito a foro privativo, constituindo grande força organizacional sedimentada no direito canônico e nas Regras das Ordens". Os religiosos missionários eram orientados pela Igreja, através das Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia (1719), com base no Concílio de Trento (1545-1563) para adotar medidas de controle da população e instituir e padronizar os registros dos sacramentos da Igreja.

Em 1707, em Sínodo Diocesano, na Bahia, o Arcebispo D. Sebastião Monteiro da Vide aprovou as Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, reformulação da doutrina instituída pelo Concílio de Trento para acompanhar a mudança dos tempos, usos e costumes, como é mencionado no Prólogo da obra "[...] os Srs. Bispos do Brasil adoptárão estas Constituições com as modificações competentes, e analogas aos usos, e costumes de suas Dioceses" (1719, p.V).

Nas Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia (1719), no Título LXXIII, da 1.ª Parte, no tocante aos assentos de casamentos, a normatização indicava que em todas as igrejas paroquiais, deveria haver um livro para o assento dos casados, devendo ser lavrado os nomes dos contraentes, e de seus pais e das testemunhas, e dia, lugar e a igreja (1719, p.130). A Imagem 1 apresenta a edição fac-símile do primeiro assento de casamento do Livro n.º 1, e logo abaixo transcrevemos o teor do registro de acordo com as normas da edição diplomática (CAMBRAIA,2005; PÉREZ PRIEGO, 2011).

Imagem 1: Assento de casamento



Fonte: Livro n.1 (1719-1753) dos assentos de casamentos e óbitos, f. 2r.

D.os de Olivr.ª | Com Beatriz | Veloza

Aos treze dias domes de [corroido] doanno de mil eSete Centos edezanove | Se Receberaõ com palavras de prezente asistindo com licença mi | nha oReverendo P.e Fran.co daSilva na Capella do Senhor Sam Braz | aos Contrahentes D.os deOlivr.ª Lima f.º L.º de An.to Roiz [corroido] ede sua | molher M.ª Roiz naturaes dos Arcos de Valdevez Arcebis.do de | Braga; com Beatriz Veloza de Souza filha do Capp.m Manoel | Gomes deSouza ede sua molher Catherina Veloza moradores nes | ta freguezia de Santo Antonio do Urubû doRio deSam Francisco | foraõ test.as oCappittam Joam daRocha Maciel eo Alferes M | anoel Gl.es [corroído] [corroído] Roiz Bastos: deque fiz este asen | to emq measigney dia *eraut Supra.*

O Vigrº Joam daSilva Ribrº

As características textuais previsíveis nos assentos de casamentos, de acordo com as normas das Constituições (1719), deveriam constar da data da celebração do matrimônio, local, igreja, nomes dos contraentes, naturalidade, nome dos pais e das testemunhas. Ao final, o *scriptor* assinava o documento, que era, na maioria das vezes, o vigário e em algumas ocasiões o padre coadjutor (vice vigário) da paróquia, além das testemunhas que também assinavam, quando era possível[4].

No caso do enlace matrimonial exemplificado anteriormente, o celebrante foi o Padre Francisco da Silva, na Capela de São Braz, Freguesia de Nossa Senhora do Ó, Bispado de Pernambuco. Quando os fregueses casavam em outra igreja da mesma freguesia ou de outra freguesia, o celebrante do sacramento necessitava de uma autorização do vigário da freguesia a qual os nubentes eram fregueses e assistidos, e o registro do casamento deveria ser lançado no livro da paróquia de origem.

Neste caso, o vigário recebia as informações em anotações avulsas, o que em muitos casos, como percebemos nas fontes, os assentos eram lançados com informações incompletas, ou até mesmo, por descuido, não eram lançados. Encontramos no documento analisado, os registros de visitas dos Comissários Visitadores do Arcebispado, apontando para as falhas nos lançamentos, advertências e orientações para o vigário da freguesia.

[4] As assinaturas das testemunhas presentes no livro analisado finalizam o registro após a assinatura do vigário que realizou a celebração ou lavrou o assento. Diversos registros não constam as assinaturas das testemunhas, e como ficou evidenciado nas fontes, muitos deles não eram lavrados no mesmo dia da celebração, mesmo que realizada pelo próprio vigário ou por outro padre em outras partes da freguesia. Outra questão evidenciada no documento foi que naquele cenário predominantemente rural, as classes dominantes, formadas por proprietários de terras e escravos, comerciantes, profissionais liberais, chefes militares, licenciados e padres deixaram suas marcas autográficas nos documentos, enquanto que outros indivíduos do mesmo microcosmo social, quando permitidos participar dos arranjos sociais não podem registrar sua assinatura, pelo motivo de não saber o fazer.

3 EDIÇÃO FAC-SÍMILE E DIPLOMÁTICA DO *CORPUS*

O *corpus* utilizado para este estudo faz parte de um conjunto de livros manuscritos produzidos no sertão do Rio São Francisco no século XVIII. Selecionamos o Livro n.º 1 (1719-1753) da Freguesia de Santo Antônio do Urubu de baixo que contém os assentos de casamentos e óbitos para o período mencionado. Para este estudo, utilizamos somente os assentos de casamentos. A escrita dos registros seguiu um modelo estabelecido pelas Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia (1719), elaborados por oito *scriptores*.

Para realizar a leitura do manuscrito recorremos às noções gerais de Paleografia para ler e interpretar o manuscrito. A Paleografia é a ciência que estuda a escrita antiga, conforme a etimologia grega da palavra: *paleos* (antiga) + *graphein* (escrita), considerando as características extrínsecas dos documentos e livros manuscritos (BERWANGER; LEAL, 2008, p. 15).

Os registros foram transcritos a partir da edição fac-similar do manuscrito. De acordo com Cambraia (2005, p. 91), "este tipo de edição tem como vantagem permitir o acesso ao texto de forma praticamente direta, o que confere ao consulente grande autonomia e liberdade na interpretação do testemunho". A edição fac-similar é resultado da reprodução do original através de meios mecânicos, como a fotografia, xerografia, digitalização de uma obra.

A transcrição seguiu as normas de Cambraia (2005, p. 93): "faz-se uma transcrição rigorosamente conservadora de todos os elementos presentes no modelo, tais como sinais abreviativos, sinais de pontuação, paragrafação, translineação, separação vocabular, etc". A edição diplomática foi selecionada para este trabalho, por consistir na edição fiel do texto, preservando os fenômenos linguísticos ocorridos no momento em que foram escritos, além de facilitar a leitura e o uso da ferramenta computacional *AntConc* 3.5. (2011) que auxilia a identificação e realização do cálculo ocorrências/frequências de palavras em um conjunto de arquivos de textos.

De acordo com Pérez Priego (2011, p. 43) a edição diplomática é uma transcrição pura e simples do texto antigo (o diploma, em sua origem) e as peculiaridades gráficas do manuscrito são respeitadas, são reproduzidos sem corrigi-los, por ser de interesse para a investigação histórica ou linguística.

Depois desse breve comentário sobre as edições do *corpus*, a próxima seção descreverá a ortografia da língua portuguesa no século XVIII, apoiando-se em algumas obras setecentistas.

4 A ORTOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA NO SÉCULO XVIII

Na língua portuguesa, a ortografia sofreu transformações desde o latim vulgar, gerando debates e discussões entre filólogos e linguistas ao longo do tempo. A ortografia é, segundo a definição de Álvaro Ferreira de Vera (2009[1631]), "a arte de escrever as vozes com as letras dividas à direita pronunciação, e segundo sua origem: porque *orthos* (em Grego) quer dizer, direito; e *grafos*, escrevo: como se disséssemos escrevo como pronuncio" (2009, p. 30). Na *Grammatica de Lingua Portuguesa* de João de Barros, temos o

registro que a ortografia é uma palavra grega que quer dizer escrever direitamente (BARROS, 1540, p. 40).

Os gramáticos portugueses Fernão de Oliveira, com a *Grammatica da lingoagem portuguesa* (1536) e João de Barros com a *Grammatica da língua portuguesa* (1540) são os primeiros a tentar normatizar a ortografia portuguesa, embora, de acordo com Morel Pinto (1988), Duarte Nunes de Leão (1576) foi o primeiro a tratar de forma sistemática o assunto em sua obra *Orthografia da língua portuguesa*.

No âmbito da tentativa dessa normatização, Fernão de Oliveira e João de Barros, propuseram que, a matéria ortográfica elevasse a língua portuguesa a um plano unicamente atingido pelas línguas da Antiguidade Clássica (GONÇALVES, 1992). Assim, esses gramáticos intencionaram uma abordagem especial para os estudos ortográficos, dada sua especificidade naquele contexto sócio-histórico, o qual a falta de normatização dificultava um acordo quanto ao uso do sistema normativo da ortografia.

A história do sistema ortográfico da língua portuguesa se caracteriza pela divisão em três períodos de evolução até chegar no modelo em que temos hoje. São eles, o período fonético, o pseudo-etimológico e o simplificado. Uma observação importante sobre o estudo da ortografia portuguesa, apresentada por Gonçalves (1992) é que os estudiosos parecem coincidir com a periodização dos períodos ortográficos: "o período fonético (dos primeiros textos até o século XVI); o período etimológico ou pseudoetimológico (do século XVI até 1904) e o período das reformas ortográficas (de 1904 até os nossos dias)" (GONÇALVES, 1992, p. 13).

No que se refere ao período fonético, Coutinho (2005 [1938]) descreve que o seu aparecimento teve início desde os primeiros documentos redigidos em português e se estende até o século XVI. Neste período, foi notório que a grafia das palavras transparecia a preocupação fonética, características da oralidade que sobressaiam à língua escrita.

O período pseudoetimológico que se estende desde o século XVI e até o surgimento da *Ortografia Nacional* de Gonçalves Viana em 1904. O início deste período coincide com o Classicismo (1527-1580) que ressuscitou o espírito da Antiguidade Greco-latina, constituindo o Renascimento. O Classicismo se difundiu por toda Europa e em contraste com o pensamento teocêntrico medieval, essa corrente propõe a concepção antropocêntrica do mundo, "na medida em que se aproximassem dos arquétipos, ou seja, dos modelos greco-latinos" (MOISÉS, 2003, p. 51).

Não podemos deixar de mencionar o papel do movimento humanista renascentista sobre as línguas modernas (românicas), entre elas a língua portuguesa, que "passam a ser, pela primeira vez, objeto de descrições gramaticais, ou melhor, de moldes normativos, que se aplicam até o domínio da (orto)grafia" (GONÇALVES, 1992, p. 36). Ainda que esses modelos normativos foram introduzidos, a tradição ortográfica conhecida até então era a do latim, o que causou uma diversidade no uso da ortografia. Sobre isso, Coutinho (2005 [1938]) afirma que a ortografia portuguesa não era uniforme e nos primeiros tempos do período pseudoetimológico, havia uma grande tendência fonética. O conhecimento do latim, sob a influência do Renascimento, foi a causa da falta de uniformidade gráfica. As palavras escritas sofreram, então, a influência etimológica, que na época, era uma

ciência que necessitava do conhecimento das obras clássicas romanas e gregas (COUTINHO, 2005 [1938], p. 71).

Diante desse cenário histórico da Renascença, Cagliari (1994, p. 103) observa que as línguas vernáculas surgiram como línguas de cultura, substituindo os clássicos greco-latinos, mas, em contrapartida sem uma norma culta definida e consequentemente não apresentavam uma ortografia uniforme, mas era preciso estabelecer um padrão de escrita que revelasse o prestígio e a importância da língua portuguesa. Neste período, os primeiros tratados de ortografia foram empreendidos com esse propósito e o conjunto dessas obras apresentaram um critério sistemático para a ortografia da língua portuguesa, embora a pronúncia e a etimologia levaram a diferentes combinações entre grafia e fonema.

Com referência ao século XVI, cabe ressaltar as obras *Regras de escrever a ortografia da língua portuguesa* de Pêro de Magalhães de Gândavo (1574) e a *Ortografia da língua portuguesa* de Duarte Nunes de Leão (1576), e quanto ao século XVII, a *Ortografia ou modo para escrever certo a língua portuguesa* de Álvaro Ferreira de Vera e a *Ortografia da língua portuguesa* de João Franco Barreto.

Com o término do período renascentista em Portugal, se inicia o Barroco que se estende do século XVII até meados do século XVIII. A cultura portuguesa passa por um declínio, herança do Reinado de Felipe II da Espanha e pelas influências do movimento europeu das ideias das Reforma e da Contra-Reforma (MOÍSES, 2003, p. 71). A ortografia portuguesa no contexto do século XVIII constitui uma grande tendência fonética, embora cronologicamente vigorava o período pseudoetimológico.

Ao longo do século XVIII, foram feitos muitos estudos sobre a ortografia da língua portuguesa. Convém observar que, para o presente estudo, nos balizaremos em obras da primeira metade do século XVIII, período correspondente à escrita do documento (1719-1753). Diante dessa consideração, destacamos, Manoel de Andrade de Figueiredo (1722), *Nova escola para aprender a ler, escrever e contar,* João de Moraes Madureira Feijó (1734), *Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a língua portuguesa* e Luís Antonio Verney (1746), no *Verdadeiro Método para estudar*.

Manoel de Andrade Figueiredo, padre jesuíta nascido no Brasil, autor da obra *Nova Escola para aprender a ler, escrever e contar*, procura ater-se ao tratar do ensino de leitura, escrita e aritmética, propondo uma uniformidade metodológica e no prólogo da obra, indica a principal função do trabalho, que é mostrar a forma das letras (ortografia) e como realizá-las. A obra foi publicada em um período de influência jesuítica que defendia o ensino da escrita na escola elementar. Segundo Negro (2017), a obra de Figueiredo (1722) é apresentada "em um tom didático, como conduzir a pena, os tipos de instrumentos utilizados na escrita, como realizá-las e os meios para apresentar uma bela grafia, atrelando ao feitio a agilidade de execução"(NEGRO, 2017, p. 132). Silva (2011, p. 262) ressalta que "o ensino da língua vernácula impõe-se como necessidade imperiosa na segunda metade do século XVIII, numa forma de adquirir nacionalidade e dar a sua realidade social a cor da nação lusitana, bem como no exercício das atividades exigidas pela civilização". Tal realidade exposta é um indício de que o ensino da língua portuguesa no século XVIII

começa a se estender para outras camadas da sociedade, como a burguesia urbana, o que antes era reservada à nobreza e a classe eclesiástica.

João de Moraes Madureira Feijó (1688-1741), presbítero do hábito de São Pedro, foi o representante máximo do período etimológico da ortografia portuguesa, autor da obra *A Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a língua portuguesa* (GONÇALVES, 1992, p.14).

Há de se considerar que Madureira Feijó reuniu em seu sistema ortográfico, um conjunto de unidades gráficas, relacionadas pela sua funcionalidade, privilegiando a etimologia, pronúncia e uso (GONÇALVES, 1992, p. 102). No que tange aos diacríticos, de acordo com a mesma autora, Madureira Feijó não oferece grande proposta para o assunto, limitando a descrição dos acentos envolvendo os fatos prosódicos, fonéticos e gráficos (GONÇALVES, 1992, p.104).

Luís Antônio Verney nasceu em Lisboa em 1713. A obra o *Verdadeiro Método de Estudar* (1746), considerada reformista, produzida no contexto do Iluminismo europeu, mais especificamente na Península Ibérica, com forte influência de intelectuais ligados à Igreja Católica, partia da concepção de reinventar os estudos em Portugal. O autor considerava o modelo em vigência, utilizado pela Companhia de Jesus como ultrapassado, por esse motivo propõe, em sua obra, "corresponder às necessidades da formação de homens úteis à República e às recentes concepções pedagógicas e didáticas aplicadas em países civilizados" (GONÇALVES, 2010, p.85).

A obra de Verney trata em particular a ortografia, além dos aspectos linguísticos como a pronúncia, o léxico e a renovação vocabular, o arcaísmo, a flexão nominal e verbal, e os problemas inerentes à sinonímia (GONÇALVES, 2010, p. 83). Em 1746, Luiz António Verney propõe um modelo de mudança no método de ensinar a Língua Portuguesa para o povo lusitano. A obra de Verney, sugere, através de dezesseis cartas, uma verdadeira reforma ortográfica, baseada principalmente numa doutrina fonética, visando à simplificação e uniformização da escrita (MOREL PINTO, 1988).

Com referência às ações pedagógicas empreendidas por Verney, Silva (2011) ressalta que o gramático propõe uma reforma cultural, consistindo no ensino da Língua Portuguesa em detrimento do latim para reafirmar a dominação cultural, filosófica e religiosa do povo português, na tentativa de tirar Portugal do atraso cultural.

Ao investigar o uso e as formas dos acentos diacríticos no manuscrito da Freguesia do sertão do São Francisco, observamos os indícios da falta de uniformidade ortográfica, discutidas pelos teóricos nos séculos em que os registros foram escritos. Segundo Silva (2011) os conflitos vividos pelo povo lusitano e suas colônias e as influências das correntes inovadoras técnico-científicas e artísticas oriundas principalmente da França e da Itália, refletia no estado da língua portuguesa no século XVIII.

5 OS SINAIS DIACRÍTICOS AGUDO, CIRCUNFLEXO E TIL COMO OBJETO DE PESQUISA

Os estudos gramaticais referentes ao século XVIII, analisados por estudiosos filiados à Linguística Histórica como prioridade os estudos ortográficos, cujo tema "era polêmico e tratado sem muita coerência, nem base científica. Por isso mesmo, foi este um dos pontos mais controvertidos da história da língua portuguesa" (MOREL PINTO, 1988, p. 15).

Ao investigar a variação ortográfica no manuscrito da Freguesia de Santo Antônio do Urubu de baixo, observamos que os indícios da falta de uniformidade ortográfica, também abarcava o uso dos acentos gráficos, que apesar de haver regras fonológicas (GONÇALVES VIANA, 1894) que indicavam a posição do acento, percebemos que os *scriptores* apresentavam variação na sua decisão no momento da escrita.

Morel Pinto (1988), em sua obra *História da Língua Portuguesa: Século XVIII*, discorre sobre a primazia dos estudos ortográficos, considerando um ponto controverso da história da Língua Portuguesa. O autor revela que o século XVIII herdou as contradições ortográficas dos outros séculos, pela indecisão do ortografista, e insegurança e capricho dos copistas. No documento estudado, encontramos distintas formas utilizadas para grafar um mesmo vocábulo, como em manháá (59), manhá (42), manhaá (13), manháa (7), manhâ (1), manhã (8), manham (1), minhã (1) e menhã (1).

Negro (2017) ao analisar os processos criminais e autos de devassa dos séculos XVII ao XX, lavrados no estado de São Paulo, observou que o emprego dos sinais diacríticos agudo (´), circunflexo (^), grave (`) e til (~), traçaram uma similaridade entre os usos e as aplicações estabelecidas nos períodos estudados. A autora buscou em gramáticas, ortografias e manuais de escrita estabelecendo relações entre o contexto social, político e ideológico refletidos nas obras linguísticas dos séculos XVI ao XX, a utilização dos sinais diacríticos presentes na documentação.

Ao investigarmos a variação ortográfica no manuscrito da Freguesia de Santo Antônio do Urubu de baixo, observamos que os indícios da falta de uniformidade ortográfica, também abarcava o uso dos acentos gráficos, que apesar de haver regras fonológicas (GONÇALVES VIANA, 1894) que indicavam a posição do acento, percebemos que os *scriptores* apresentavam variação na sua decisão no momento da escrita. Os sinais diacríticos ou acentos gráficos foram definidos por Raphael Bluteau, na primeira metade do século XVIII, em sua obra o *Vocabulario Portuguez e Latino* como "o tom de voz, com que se pronuncião as vogaes, mais, ou menos fortemente. O sinal orthografico, com que indicamos o tom das vogaes" (BLUTEAU, 1728, p.14).

Depreende-se da informação fornecida por Bluteau (1728) e dos dados extraídos da fonte, que há uma recorrência do uso dos sinais diacríticos para marcar a tonicidade e a nasalidade em final de sílaba, embora, percebemos a incerteza no momento da escolha entre o agudo (´), circunflexo (^) e til (~). Torna-se oportuno relatar que, em nossa fonte, muitos vocábulos não foram acentuados e a preocupação dos *scriptores* estava voltada para a indicação da nasalidade, em primeiro lugar.

Verney (1746, p.36) ao fazer uso do acento diacrítico, considera que os acentos

> sam indispensavelmente necessários, para distinguir muitas palavras. Nam podemos sem eles saber, se Amara, é pretérito, ou futuro: e da mesma sorte em outras muitas palavras. Também distinguir os Nomes, dos verbos, vg. Pronuncia nome, de pronuncia verbo. Assim que este deve ter todo o cuidado dos mestres: que devem advertir aos discípulos, em que partes se devem por, para bater com mais, ou menos força as vogais, e distinguir os tempos, e as vozes: visto que os Portuguezes nam tem letras dobradas, que antigamente serviam a outros, para mostrar as diferentes (VERNEY, 1746, p.36).

De acordo com a definição apresentada por Bluteau (1728) e por Verney (1746) verificamos que ambos consideram o acento necessário para distinguir a força com que são pronunciadas as vogais. Verney (1746) continua a dizer que o acento distingue muitas palavras, como os tempos e vozes dos verbos. Negro (2017) em sua pesquisa levantou as seguintes hipóteses sobre o uso dos sinais diacríticos: "a utilização do acento diferencial para distinguir palavras homógrafas, marcar altura vocálica e representar a nasalidade em final de sílaba"(2017, p.17).

Já na perspectiva de Manuel de Andrade de Figueiredo (1722), na obra *Nova Escola para aprender a ler, escrever e contar*, mais precisamente na Regra segunda "Da pontuação das clausulas, notas, e acentos de orthografia', o autor diz:

> Accento val o mesmo, que o tom que damos às syllabas em cada dicçaõ, levantando, abatendo, ou pronunciando sem abater, nem levantar. Os Accentos saõ três, (como já dissemos) agudo, grave, circunflexo: o agudo levanta mais a voz, o grave he o que abaixa, o circunflexo participa de ambos; porém para meninos me parece acertado usarem só do agudo, e muitos escritores na língua Portugueza só dele usaõ nas palavras, que sendo diversas se escrevem com as mesmas letras. (FIGUEIREDO, 1722, p.64)

Figueiredo (1722) afirma que o acento resulta da intensidade que damos a sílaba na pronúncia das palavras. O autor descreve o uso dos acentos agudo, grave e circunflexo, indicando que esses três sinais são usados para levantar ou abaixar o tom da vogal e que muitos escritores utilizam somente o agudo para todas as vogais, independentemente, se a vogal tem o som aberto, fechado ou nasalizado. Ao examinar o Livro de Assentos de Casamentos (1719-1753), percebemos a observação feita por Figueiredo (1722) nos seguintes exemplos:

Quadro 1: Vocábulos com acento agudo

Vocábulo	Contexto	Ano / fólio	Scriptor
bensóis	e logo | lhes dei as **bensóis** Comforme aos ritos ecerimo | nias da Santa Madre Igreja	1745, 56 v.	Joam Gomes de Souza
certidá	na forma do Sag. Conc. Trid. enossas Constituiçoes com **certidá** de | banhos	1727, 10 v.	Joam da Silva Ribrº

Certidões	Como Consta das **Certidões** | q em meo poder ficam	1745, 56 v.	Joam da Silva Ribrº

Fonte: Elaboração própria

A partir dos exemplos apresentados acerca do acento gráfico, verificamos que os usos dos acentos são tratados de forma similar pelos *scriptores*. Não houve diferença na escolha do acento agudo (´) ou do til (~) para indicar a nasalidade, o acento foi utilizado para marcar a maior intensidade com que se pronuncia a sílaba.

Do ponto de vista de Gonçalves Viana (1894, p.3), na *Proposta para a fixação da acentuação gráfica portuguesa,* "o sinal da sílaba predominante de um vocábulo é o acento (´) denominado agudo, que se coloca sobre a vogal dessa sílaba se esta *contee* uma só, ou sobre a dominante se *contee* mais de uma". O acento agudo, utilizado para marcar a tonicidade da vogal ou o timbre aberto, no *corpus* estudado aparece, também, lado a lado com o acento circunflexo, empregado de forma semelhante, como nos exemplos extraídos da nossa fonte: Urubú / Urubû, Ó / Ô, Pé / Pê, Jozé/ Jozê e Sá/ Sâ.

Sobre o uso do sinal diacrítico circunflexo (^), no manuscrito pesquisado identificou-se a presença desse acento, marcando a intensidade da vogal e não necessariamente o seu fechamento, como ilustrou os exemplos anteriores. Gonçalves Viana (1894, p. 4) nos *Fundamentos fonológicos* III, observa que: "Como as letras vogais <e>, <o>, podem, quando tónicas, ser abertas ou fechadas, é uso marcar estas últimas com o acento (^) chamado circunflexo: mercê, avô, para as diferenças das abertas, que se marcam com o agudo: maré, avó". Dentre as ocorrências encontradas no nosso *corpus,* temos os seguintes exemplos do uso do acento circunflexo para marcar a tonicidade, não correspondendo com o som da vogal fechada:

Quadro 2: Vocábulos com acento circunflexo

Vocábulo	Contexto	Ano / fólio	Scriptor
Urubû	nesta Igreja de S Antonio do Urubû	1720, 2 v.	Joam daSilva Ribrº
Jozê	he natural de Jezus M.ª Jozê e Sam Gom | çalo do Pé do banco	1744, 50 v.	Joam Gomes deSouza
Sâ	foraõ Teste | munhas Antonio de Sâ eLima,	1719, 2 r.	Joam daSilva Ribrº
Icô	Freguezia de Nossa Senhora de Expectação da Villa do | Icô do Certaõ de Jaguaripe	1748, 71 r.	Jozê daS.ª Gomes
Ô	Freg.ª de N. S. do Ô |	1745, 57 v.	Joam Gomes deSouza

Fonte: Elaboração própria

Gonçalves Viana (1894, p.6) defende na 1ª regra que "marcam-se com o acento agudo todos os vocábulos oxítonos cujas vogais abertas sejam <a>, <e>, <o>, seguidas ou não de <s> e consequentemente os monossílabos", e refere-se ainda, na 2ª regra, que "marcam-se com o acento circunflexo os vocábulos oxítonos terminados em <e>, <o>, fechados, seguidos ou não de <s>, e conseguintemente os respectivos monossílabos".

Nos exemplos extraídos do *corpus*, o acento circunflexo (^) foi colocado sobre as vogais <a>, <e>, <o>, <u>, que, além de representar a tonicidade, indica, timbre fechado.

Quanto ao uso do til (~), no documento estudado, os *scriptores* o utilizaram com mais frequência do que os outros sinais diacríticos, certamente por haver um número maior de ocorrências com a necessidade de nasalizar as vogais. Nos *Fundamentos fonológicos IV*, apontado por Gonçalves Viana (1894), temos a seguinte instrução:

> IV – A língua portuguesa, alee de vogais orais, tee tambee vogais nasais, que, quando são as tónicas de ditongos, costumam marcar-se com outro sinal, denominado til (~): pão, pães, barões, e antigamente tambee, bee, lãa, lãas. Este sinal não havendo outro no vocábulo, designa a vogal predominante: maçã, carvão, louvarão, armazee, contee, a par de órfão, viágee.

Teyssier (2007), ao falar sobre o til, leva em conta a indicação da nasalidade das vogais, que pode vir também representada por uma consoante nasal; ex.: razõ, razom ou razon. No *corpus* estudado, muitos vocábulos apresentam o sinal diacrítico til (~) na última vogal da sílaba, indicando, provavelmente, o uso do til foi usado preferencialmente para marcar a nasalidade do que a tonicidade. Como nos exemplos: Joaõ, saõ, certidão, missaõ, capitaõ, Conceiçaõ, Damiaõ, naõ.

Na próxima seção, apresentaremos a metodologia utilizada, esclarecendo as etapas percorridas.

6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A amostra que constituímos para a realização desse estudo é composta por 231 atas de casamentos do século XVIII, contidas no Livro n.º 1 (1719-1753) da Freguesia de Santo Antônio do Urubu de baixo. A caracterização do *corpus* está resumida no Quadro 3:

Quadro 3: Caracterização do *corpus*

Século	XVIII
Período	1719-1753
Tipo de documento	Livro de registros de casamentos
Localidade	Freguesia de Santo Antônio do Urubu do Rio de baixo do São Francisco – Capitania de Sergipe
Scriptores	Joam da Silva Ribeiro Joachim de Souza Gonçallo Vellozo de Souza João Gomes de Souza José da Silva Gomes Manoel de Oliveira Cabo

	Joachim Marques de Oliveira Manoel Pinto Rabello
Quantidade de registros	231

Fonte: Elaboração própria.

A metodologia empregada foi alicerçada na pesquisa documental, utilizando a edição fac-símile e diplomática da fonte da pesquisa. O primeiro passo foi a leitura a partir da edição fac-similar e em seguida, a edição do documento utilizando os critérios da edição diplomática (CAMBRAIA, 2005; PÉREZ PRIEGO, 2011).

Em seguida, realizamos a seleção e sistematização dos vocábulos grafados com os sinais diacríticos agudo, circunflexo e til com o auxílio da ferramenta computacional aplicada à Terminologia *AntConc* (2011), e, posteriormente consultamos obras de ortografistas do século XVIII (FIGUEIREDO, 1722; MADUREIRA FEIJÓ,1734 e VERNEY, 1746), e o *Vocabulario Portuguez e Latino* de Rafael Bluteau (1728) para verificar se o fenômeno estudado prevalecia nas normas de ortografia e gramática vigentes na época. Por fim, os vocábulos selecionados foram analisados, estabelecendo uma comparação entre o estado da língua portuguesa e a realidade sócio-histórica das fontes.

7APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A apresentação dos dados será feita através de 03 tabelas compostas pelos vocábulos que receberam o acento diacrítico e o número de ocorrências encontradas no *corpus*. Os vocábulos tiveram a grafia atestada no dicionário de referência (BLUTEAU, 1728) e nas obras dos ortografistas elencados para este trabalho.

Ao longo da leitura e transcrição do documento, percebemos frequentes variações no uso do diacrítico til e da consoante <m> para representar a nasalidade no final da sílaba. Os resultados encontrados no documento correspondem sempre a posição final do vocábulo. Não encontramos exemplos em posição inicial ou em posição média, como mostra a Tabela 1:

Tabela 1: Vocábulos com <aõ> e <am>

Vocábulo com <ão>	Ocorrências	Vocábulo com <am>	Ocorrências
Joaõ	82	Jo**am**	222
Saõ	69	S**am**	225
São	3		
capitaõ	24	capit**am**	4
cappitaõ	1	cappit**am**	15
		cappitt**am**	1
missaõ	20	miss**am**	9
		mis**am**	1
Sebastiaõ	5	Sebasti**am**	7

Aragaõ	1	Arag**am**	3
certidaõ	25		
certidão	8	certid**am**	4
Sertidaõ	3		
Capelaõ	1	capell**am**	2
Leitaõ	2	Leit**am**	2
Cristovaõ	2	Christov**am**	1
Conceiçaõ	20	Conseis**am**	1
Conceyção	1		
manhaã	15	manh**am**	1
manhã	8		
minhã	1		
povoação	1	povoaç**am**	1
Simaõ	4	Sim**am**	1
Constituiçaõ	2	Constituiç**am**	1
Vizitaçaõ	1	vizitaç**am**	1

Fonte: Elaboração própria

Conforme pode-se constatar, o uso do diacrítico til, alterna-se ao uso da consoante <m> para representar a nasalidade. No caso da localização do diacrítico til (~) sobre a segunda vogal do ditongo nasal, Negro (2017, p. 37) denomina-os de "deslocados", como nos casos apresentados na Tabela 1. Ainda, de acordo com a autora serão considerados como deslocados os traçados curvos contínuos a partir da última vogal da palavra, exemplos também encontrados em nosso *corpus*.

Depois da categorização dos vocábulos, realizamos a atestação gráfica no dicionário de Bluteau (1728) e encontramos as seguintes grafias correspondentes para as palavras da Tabela 1: capitão (p.230, v.1), certidão (p.257, v.1), capellão (p.229, v.1), constituição (p.316, v.1), missão (p.86, v.2), manhã (p.53, v.2) e povoação (p.226, v.2). É importante observar que ocorreu variações na escrita dos vocábulos, mas também houve a grafia idêntica à entrada na obra consultada. Os nomes próprios não estavam registrados na obra. Convém ressaltar que encontramos ocorrências sem flutuação gráfica, como em Cap**am**, Jaboat**am**, Falc**am** e Pantale**am**, por isso não foram expostas na Tabela 1.

Quanto a variação no uso do acento agudo (´) e do til (~) para marcar a nasalidade, encontramos uma elevada variação na grafia dos próprios vocábulos e o uso recorrente do acento agudo, remetendo à nasalidade, leva a uma direção contrária a função de tonicidade como principal característica desse acento, como orientava os ortografistas da época. Observemos a tabela 2:

Tabela 2: Alternância do uso do agudo e do til em um mesmo vocábulo para marcar a nasalidade:

Agudo (´)	**Ocorrências**	**Til (~)**	**Ocorrências**
manháá	59	manhaã	15

manhá	42	manhã	8
manhaá	13	minhã	1
manháa	7		
bensóis	2	bençõe**s**	2
denunciassóes	2	denunciaçõe**s**	45
denunciasóes	2	denunciaçõins	39
		denunciassõins	8
		denunciaçõens	1
certidá	1	certidaõ	25
		certidão	8
		Sertidaõ	3
Certidóes	1		
huá	1	huã	1
húa	1		

Fonte: Elaboração própria.

Como se pode ver na Tabela 2, encontramos o uso recorrente dos acentos agudo (´) e til (~) para expressar a nasalidade. Na segunda parte da obra de Madureira Feijó (1734, p.8), em relação aos diacríticos, o autor lembra que para utilizar os acentos e aprender a escrever sem erros, primeiro é necessário ler com acerto, porque a pronúncia deve ser *recta*, e quanto ao uso dos acentos, este são os sons ou tons com que se pronunciam as palavras.

Com o intuito de averiguar a grafia dos vocábulos, recorremos à obra de Bluteau (1728) e encontramos: certidão (p.257 v.1), denunciação (p. 376 v.1), bençõe**s** (p. 178 v.1) e manhã (p.53, v.2). O vocábulo <manhã> apresenta vogal com marca de ressonância nasal em posição implosiva (final de palavra) e os exemplos retirados do *corpus* revelaram as variações sofridas por este vocábulo desde o uso do diacrítico agudo com a intenção de representar a nasalidade, como o uso da vogal dobrada, que segundo Mattos e Silva (2019[2006], p.70) "também ocorre a grafia com o diacrítico <´> em cada vogal (láá, bóó etc.) que se costuma interpretar como indicador de hiato (MATTOS E SILVA, 2019 [2006], p.70).

Interessante observar a variação recorrente dos vocábulos terminados em ditongos nasais e a indecisão do *scriptor* para representar a nasalidade, ora com o uso do <´>, ora com <~>, e nos casos do vocábulo "denunciação" (BLUTEAU, 1728, p. 376 v.1) que sofreu mais variações na escrita, dentre os demais, como em denunciaçõins (39), denunciassõins (8) e denunciaçõens (1), que tiveram o acréscimo da letra <n> para reforçar a nasalidade.

Quanto ao vocábulo "certidão" (BLUTEAU, 1728, p.257 v.1), foi encontrado uma única ocorrência (certidá) com o uso do acento agudo para representar a consoante nasal <m>. A forma idêntica à entrada do dicionário de referência, foi encontrada em 8 ocorrências e em 28 com o acento deslocado para a última vogal, sendo 03 com o uso de <s> onde seria <c>.

Como pode ser observado, nos vocábulos huã e huá (exemplo: em huá certidaõ do dito R.do P.e Asistente, 1729, f.20r.), o sinal diacrítico suprime o uso da consoante nasal entre as vogais. Percebemos a incerteza do *scriptor* na escolha de qual diacrítico utilizar <´> ou <~>. E no exemplo húa, temos uma incerteza dupla em relação à escolha do acento e da vogal que irá recebê-lo. Encontramos no *corpus* outros exemplos semelhantes como "algú" (exemplo: Sem impedimento algú Como Consta das Certidoes, 1727, f11r.), "alguá" (exemplo: Sem Sedes | cubrir em parte alguá impedimento, 1734, f.35r.), e "algúa" (exemplo: Sem Se descubrir em parte algúa impedimento, 1732, f.22v.).

As formas variadas para grafar os vocábulos estudados nesta tabela revelaram que os *scriptores* tinham incertezas quando ao modelo de escrita e por não haver uniformidade gráfica na época, predominava a marca da oralidade na escrita.

No tocante ao uso do acento agudo e do circunflexo para marcar a tonicidade das vogais, percebemos a hesitação do *scriptor* para atribuir o diacrítico correspondente ao som da vogal aberta ou fechada. De acordo com Gonçalves (1992, p. 30), "As grafias constituem indícios das alterações operadas no sistema fonético-fonológico da língua, que mais tarde ou mais cedo acabam por transparecer nos textos escritos". A observação feita por Gonçalves (1992) mostra que a diferença encontrada na escrita do mesmo vocábulo corresponde ao contexto sócio-histórico dos *scriptores, o* uso do diacrítico circunflexo foi pouco recorrente no *corpus* e a aplicação da tonicidade era também utilizada através do acento agudo. Na Tabela 3, mostraremos as ocorrências encontradas:

Tabela 3: Utilização do agudo e do circunflexo para marcar a tonicidade

Agudo (´)	**Ocorrências**	**Circunflexo (^)**	**Ocorrências**
Urubú	4	Urubû	205
		Orubû	5
Ó	17	Ô	4
Jozé	5	Jozê	168
Sá	5	Sâ	8
Sáá	2		
Sáa	1		
Pé	8	Pê	2
denunciassóes	2	denunciasôes	1
denunciasóes	2		
Saó	4	Saô	1

Fonte: Elaboração própria.

Como mostra a tabela 3, o uso do diacrítico ou do circunflexo ocorreu em um mesmo vocábulo para marcar a tonicidade. É possível observar o número de ocorrências elevadas com o emprego do circunflexo nos vocábulos Urubû / Orubû e em Jozê. Os *scriptores* lançaram mão do circunflexo para indicar a tonicidade da vogal e produziu um intercâmbio de funções entres os dois acentos. No caso do vocábulo "denunciasôes", o uso do circunflexo foi utilizado para marcar a nasalidade.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo tratou do uso e formas dos sinais diacríticos agudo, circunflexo e til em um documento do século XVIII, através da escrita de *scriptores* do baixo sertão do Rio São Francisco. Verificamos que o emprego dos diacríticos era preferencial para a função da nasalidade do que para a tonicidade, o que consequentemente, no documento foi utilizado com mais frequência dentre os demais. O acento agudo (´) foi utilizado representando, na maioria das vezes, a nasalidade do que tonicidade. O acento circunflexo (~) foi utilizado em menor escala, poucas vezes, com a função de nasalidade e quando com a função de tonicidade, é utilizado não só em vogais de som fechado, como em vogais de som aberto.

No intuito de conhecer o estado da língua portuguesa através do documento analisado que retrata a sócio-história de um determinado tempo e espaço, percebemos a tendência do uso dos sinais diacríticos nos vocábulos, em quanto a sua função é distribuído em tonicidade ou nasalidade, motivado pela proximidade da língua oral, embora seja um documento formal, conservador, em que é necessário reforçar o uso de normas, como as orientações das Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia (1719), o manuscrito reflete características sócio-históricas da época em que foram escritos.

De maneira geral, observamos na escrita de todos os *scriptores,* que o uso e a forma dos diacríticos apresentaram variações de um mesmo punho, reflexo da falta de uniformidade na escrita, mesmo com manuais de normas ortográficas e gramaticais surgidas desde o século XVI.

REFERÊNCIAS

Livro n.º1 de Registros de Batizados da Freguesia de Santo Antônio do Urubu de Baixo (1719-1953). Arquivo da Cúria Diocesana de Bom Jesus da Lapa – Bahia.

ANTHONY, L. Lawrence Anthony Website (AntConc). Disponível em: http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/index.html. Acesso em: 16 jul. 2020.

BAIA, Arcebispado. *Constituiçoens primeyras do Arcebispado da Bahia feytas*, & ordenadas pelo Illustríssimo, e Reverendissimo Senhor D. Sebastiaõ Monteyro da Vide, Arcebispo do dito Arcebispado, & do Conselho de Sua Magestade, propostas, e aceytas em o sínodo Diecesano que o dito Senhor celebrou em 12 de junho de 1707. Lisboa Occidental: na Oficina de Pascoal da Sylva, Impressor de Sua Magestade, 1719. Disponível em: http://purl.pt/24092. Acesso em: 30 jun. 2020.

BARROS, J. *Grammatica da lingua portuguesa*. Olyssipone: apud Lodouicum Rotorigiu[m], Typographum, 1540. Disponível em: http://purl.pt/12148. Acesso em: 15 jul. 2020.

BERWANGER, A. R; LEAL, J. E. F. *Noções de Paleografia e Diplomática*. Santa Maria: Editora UFSM, 2008.

BLUTEAU, R. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico* ... Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1728. 8 v. Disponível em: http://purl.pt/13969. Acesso em: 10 jun. 2020.

CAGLIARI, L. C. *Algumas reflexões sobre o início da ortografia da língua portuguesa*. Caderno de Estudos Linguísticos, Campinas, n. 27, p.103-111, jul./dez, 1994. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637032. Acesso em: 02 jul. 2020.

CAMBRAIA, C. N. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

COUTINHO, I. L. *Gramática histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2005 [1969].

FIGUEIREDO, Manuel de Andrade. *Nova Escola para aprender a ler, escrever, e contar*. Offerecida á Augusta Magestade do Senhor Dom joaõ V. Rey de Portugal. Lisboa Occidental: na Officina de Bernardo da Costa Carvalho, Impressor do Serenissimo Senhor Infante, 1722. Disponível em: http://purl.pt/107. Acesso em: 25 jun. 2020.

GONÇALVES VIANA, A.R. *Proposta para a fixação da acentuação gráfica portuguesa à comissão asiática*. Lisboa: Typ. Do Commercio de Portugal, 1894. Disponível em: http://purl.pt/6427. Acesso em: 30 jun. 2020.

GONÇALVES, M. F. *A normalização da língua portuguesa no século XVIII e o Verdadeiro Método de Estudar de Luís António Verney*. In: Confluência - Revista do Instituto de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro. n.º 37/38, 2ª semestre de 2009/1º semestre de 2010, pp. 83-109, 2010. Disponível em: http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/8510. Acesso em: 02 jul. 2020.

GONÇALVES, M. F. *Madureira Feijó, ortografista do século XVIII:* para uma história da ortografia portuguesa. Lisboa: Ministério da Educação. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa,1992. Disponível em: https://www.academia.edu/6411298/Madureira_Feij%C3%B3_ortografista_do_s%C3%A9culo_XVIII_Para_uma_hist%C3%B3ria_da_Ortografia_Portuguesa. Acesso em. 20 jun. 2020.

MADUREIRA FEIJÓ, João de Morais. Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a língua portuguesa. Lisboa Occidental: na Officina de Miguel Rodrigues, Impressor do Senhor Patriarca, 1734. Disponível em: http://purl.pt/13. Acesso em: 01 jul. 2020.

MATTOS E SILVA, R. V. *O português arcaico*. Fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 2019 [2006].

MEYERHOFF, M. *Introducing Sociolinguistics.* Routledge, New York, 2011[2006].

MOISÉS, M. *A literatura portuguesa.* 32 ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

MOREL PINTO, R. *História da língua portuguesa:* IV. Século XVIII. São Paulo: Ática, 1988.

NEGRO, H. O. B. *Usos e normas*: estudo diacrônico do emprego dos sinais diacríticos na língua portuguesa do Brasil. 2017. 380 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – USP : São Paulo, 2017.

PÉREZ PRIEGO, M. A. *La edición de textos*. 2. ed. Madrid: Editorial Sintesis, 2011.

SILVA, K. V.; SILVA, M. H. *Dicionário de conceitos históricos.* São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, J. A. A. *O estado da língua portuguesa num documento do século XVIII:* abordagem sócio-histórica de fenômenos linguístico do livro das Monjas. In: CAMBRUSSI, M. F.; ARAGÃO NETO, M. M. (Orgs.). Léxico e Gramática. Curitiba: CVR, v. 1, p. 237-262, 2011

TEYSSIER, P. *História da Língua Portuguesa*. Trad.: Celso Cunha. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007[1980].

VERA, A. F. de. *Orthographia ou modo para escrever certo a língua portuguesa*. Lisboa: Mathias Rodriguez, 1631. Disponível em: http://purl.pt/12 . Acesso em: 20 jun. 2020.

VERNEY, L. A. *Verdadeiro método de estudar:* para ser util à Republica, e à Igreja : proporcionado ao estilo, e necesidade de Portugal. Oficina de Antonio Balle, 1746. Disponível em: http://purl.pt/118. Acesso em: 01 jun. 2020.

Recebido em: 20/12/2020
Aprovado em: 05/02/2021
Publicado em: 25/07/2021